

Deus e o diabo na terra da Tecnologia...

Como sempre *Interface* traz ao leitor uma temática. Em especial nos ensaios, mas não apenas, eis a tecnologia como a escolhida, englobando as discussões da técnica e da ciência na contemporaneidade. Incrustada no coração do nosso tempo, em sua aproximação é possível discorrer sobre quase tudo da vida atual, assim como será sempre de diferentes ângulos que se pode proceder a proposições sobre a tecnologia. E mesmo como instância da vida tão neutra e precisa, ela suscita debates acalorados e sentimentos contrastantes.

O que ora se apresenta neste número da revista é só uma parcela dessa diversidade, mas, ao mesmo tempo, sua reiteração: a tecnologia na Educação, na Saúde, na Comunicação... Ora vista como recurso positivo da Medicina e, ao mesmo tempo, a objetificação do sujeito. Ou vista como recurso de informação e conhecimento, mas também de alienação. Ou, ainda, vista como possibilidade criativa e individualização na produção humana, obrigando, contudo, a um realinhamento do papel do Estado e a uma revisão dos Direitos. E todos esses temas se apresentam, aqui, igualmente, em diversidade de registro: em forma de textos analíticos, críticos, debate, em forma de imagens... a favor e contra: a tecnologia que informa, que ensina, que distrai, que escraviza, que ilude...

Encontraremos na proveitosa leitura dos ensaios e textos que seguem sua face redentora: nos tratamentos e curas que viabilizou, nos esclarecimentos que promoveu, nos consumos que permitiu. Aí está como obra magnífica do Homem e eis do que nos orgulharmos: o desenvolvimento da técnica, das ciências e seus produtos!

Mas, muito já se disse da marca narcísica da sociedade atual, e neste 'excesso' de admiração da nossa própria potência criadora, sucumbimos à tal arte e sua obra. Seja pelo assustador fascínio, seja pela assustadora eficácia prática, a tecnologia, hoje, torna visível sua face de Senhora: totalmente dela dependentes, homens e mulheres têm a tecnologia como um fim em si. Valendo-me da figura do "excesso" (excesso de bens, de mobilidade, de informações, de conhecimento, de atividades... excesso de auto-admiração) que também marca nossa contemporaneidade, reitero a afirmação que está presente, aqui, em diversos textos: como movimento em espiral, cada tecnologia que criamos, em outras tantas se desdobra, e não só por seus subprodutos, mas, principalmente, por instar necessidades de nova criação, nova produção.

O que move a espiral? O que põe em aceleração a própria tecnologia? Eis aqui uma reflexão a que convido o leitor em seu percurso através desta *Interface*. Seu núcleo questionador reside, obviamente, em alguma insatisfação que permanece, uma necessidade sempre presente, mesmo diante de tantas respostas e criações de que a

tecnologia já nos proveu. O curioso, porém, não está na presença de uma permanente incerteza ou angústia de resposta não dada e que ainda procuramos. Que a Humanidade já tenha buscado diferentes recursos para questões talvez sem respostas mesmo, já o atesta a Filosofia ou a História de nossas Ciências. Aqui o fascinante está no fato de que, em seu processo de presentificação, a tecnologia tornou a si mesma como a permanente promessa de resolução. Cabe, pois, examinarmos algo do poder imaginativo que a tecnologia traz, poder que, afinal, borra as fronteiras do presente e do virtual. Sem que já seja saúde, a promessa de cuidado vira cura na simples posse da receita ou do tratamento a ser feito; sem que já seja esclarecimento, a promessa de compreender ou elucidar, na simples posse das informações, vira conhecimento; sem que já seja consumo, a simples posse dos convênios ou dos exames clínicos vira assistência ou tratamento....

Se é da força imaginativa que toda criação se nutre, a perda de seu produto final, sua obra – e seu fim último como formulação para o agir– aqui aparece confundida pela admiração com o próprio devaneio, que a tecnologia promove e expande ao quase infinito....

Embevecidos com esse fluxo “imaginante”, com seu potencial de criação, esquecemos da própria atividade de criar. O nosso fascínio com a tecnologia como “a Obra”, a desloca da condição de meio para outros fins. De um lado, somos alertados para tal, no impedimento emancipatório que isto representa, cerceando, como senhora de nossos atos, o desenvolvimento da autonomia de sujeito. De outro, somos enredados em sua própria teia de virtualidades e transformados em sujeitos absolutosda nossa imaginação. E isto não é pouco, diante do controle que já se fez dessa mesma imaginação pela presença da tecnologia na Cultura.

Ora, aparentemente, será a própria tecnologia a transformar-se, na medida que mostre seus limites e obstáculos nessa espiral de si mesma. Mas será isto possível? Poderá ocorrer uma auto-transformação tão radical, sem que se coloque em tela uma condição primordial de sua moderna existência e que, desde sempre como modernidade, se deu em parceria com a forma mercado de vida social? Que fiquem as perguntas, para instigarem a presente leitura... Não obstante, entre o deslumbramento e a esconjuração, se permite por meio da introdução desse espaço aberto à criação um convite a um novo humano com tantas outras obras, oferecendo uma nova perspectiva à Razão... que venha a tecnologia para a discussão!

Lilia B. Schraiber